Recepção dos Srs. A. Martinz Filho, Joaquim Alves, Demócrito Rocha e Luiz Sucupira

— I —

Dever, Pátria e o Instituto

Pe. Dr. Misael Gomes

II

Roma, a velha urbe, multiplicou triunfos, alimentada com o leite da lôba, a trescalar certa melancolia, que outros povos ignoraram, nem os áugures lhe asseguraram. Uma vez despertado o sentimento, como o pensamento, à maneira de corcel hoffmânico em debandada, custa dominar.

Pela amplitude talvez das conquistas e o afluxo de muitos deuses, talvez pela convicção do extraordinário, incomparável destino, orgulho dos deuses, na sólida estrutura egoísta de Roma, por que negá-lo? a argamassa umedeceu e se empapou de lágrimas.

É de ver o lugar entre as ruínas de Pompéia, onde as escavações trouxeram a lume, volvidos 17 séculos, o cadáver de simples guarda, ao lado da porta da cidade, a guarita *vis-à-vis* à fumegante cratera.

Descobriram-no carbonizado, na sua atitude milenar, de lança na mão.

Estertores ouviu que lhe desfiaram o excídio; sem dúvida, estremeceu aos sacudimentos que enviou o estígio nume. Por entre sons da tempestade, marulharam torrentes de lama, negrejou a vasa e, das profundezas, emergiram colunas de enxôfre e de escórias, linguas de fogo, chamas sibilantes, arbustos contorcidos e o inferno vivo.

Em meio de tanta confusão, o soldado não arreou, não

baixou a fronte; de pé, encarou a tartárea fauce e a montanha que, de áspides toucada, lhe vibrou a morte. *Brevibus torquata colubris* (Ovídio).

Frisando com numerosos primores, alguns dos atos humanos merecem contemplados muito de seu vagar, a distância.

Oh manes de Roma!

A hecatombe de Pompéia não convulsionou, apenas, não crispou um momento que a dor o tornasse maior. Fugimos de tôda a hipérbole; por que fugiram os habitantes de Pompéia. Tiveram artes de transportar, em bolandas, as jóias preciosas; poucas descobriu o rigor das indagações à sombra do Vesúvio.

Finos os escravos, que agarraram em si e não trepidaram em largar as propriedades. Na escuridão, o último grupo passou, os atléticos organismos envolvidos em túnicas que o vento agitava, proceloso... Também foram salvos animais domésticos.

Tudo nesse andar, por que é que se ficou de raiz ante o espetáculo, solitária vítima, o soldado romano?

A pesar dos embustes treitos ao mundo pagão, a alma daquele guarda entendeu, de si para si, entendeu permanecer pela dignidade, pela honra, pela imposição da lei. A escola dos exércitos é a religião do dever. Nada mais aprazível do que sua observância. «Arrostar a morte na execução de mandato deve ser motivo de orgulho para o guerreiro.»

O mundo gosta dos sonhos; aos presumidos entumece a felicidade das honras, prazeres. A alma generosa quer o cumprimento do dever.

Acima do mundo, a lei divina, razão suprema.

Por onde uma liberdade medra em vilipendiosa escravatura, a liberdade do êrro; uma escravidão vale a mais sublime das liberdades, a escravidão do dever.

Meus Srs.. O amor da Pátria, que inspira fortaleza de ânimo, energia de caráter, sobretudo é um dever: dever que se impõe ao coração bem formado; dever como reputou Fabrício, Régulo e Catão em Roma; em Portugal D. João de Castro, Afonso de Albuquerque; e no Brasil? Tiradentes, Padre Mororó, José Bonifácio, Caxias... O amor da Pátria é dever cuja expressão culminante está no heroísmo.

Fator indispensável da harmonia dos povos, a Nação mantém, sob sua égide, a província ou estado, o município, a cidade, a família e o indivíduo. O gênero humano diversifica-se e torna-se forte, por que desenvolve energia sem cessar renascente.

Incumbe a todos a sua tarefa; cada um é obrigado a conhecer-se; a ninguém assiste o direito de viver alheio a seus semelhantes. Há unidade na matéria universal; os filósofos encontram, na atração do amor, a perfeição desta unidade.

Importa o egoísmo em fraqueza, síncope do crescimento, se não parada no progresso. Êle renuncia difundir idéias; trabalha para seu orgulho; algo patológico, ou espécie de bólide, que se mostra incapaz de desenvolver luz e calor. Ibsen concebeu-lhe a expressão: — O homem, o ser humano, só, isolado, poderoso, "eu e o mundo a minha propriedade".

Nada menos disso; mas contra isso, já o positivismo de Augusto Comte estabeleceeu, como lei da humanidade, "viver para outrem".

E há gente tão extravagante no mundo, que lhe faz mal o que lhe está bem.

Certo é que o Instituto do Ceará se sacramentou para o devido culto de nossas tradições. Soldados todos somos aquí, ministros do mesmo ideal, empenhados num só dever. Asseverou Leonardo Mota que nesta Casa do Ceará «arde, inapagável, a lâmpada ativa de nossa devoção pelas tradições e glórias da gente conterrânea.» Com efeito, reza o Art. 1°. dos nossos estatutos, § único: — «O Instituto do Ceará, com sede na cidade de Fortaleza, capital do Estado, e fundado no dia 4 de Março de 1887, tem por fim a cultura da História, Geografia e Etnografia do Brasil, especialmente do Ceará. Além dêste fim especial, o Instituto se empenhará, por todos os meios ao seu alcance, no desenvolvimento das Ciências e Letras no Estado.»

Doce, meus Srs., a quietude de quem sabe arraigar-se na verdade. A satisfação se lhe duplica, quando êle recorre ao trabalho e à consciência. «Empenha-te no teu dever», aconselha Goethe, «e saberás o que vales.»

Em tôrno dos livros, no convívio dêles, ou na troca de idéias, na comunhão e solidariedade de sentimentos, ar de família próprio (conforme aos nossos cuidados), aprofundamos, estudamos e alargamos os conhecimentos mais patrióticos.

«Nenhuma educação pode ser boa», observou Almeida Garrett, «se não fôr eminentemente nacional.» Mas o verdadeiro patriotismo não se reduz ao amor terreno, à extensão geográfica e suas possibilidades de influir sôbre os acontecimentos históricos: abrange todo o passado, gerações que lá se foram; de modo que, ao afeto congênito da gleba, sobrestá o amor da História, a genetriz do princípio espiritual representado pela Nacionalidade, motivo do nosso existir e da continuação anterior. *Priora disquirendo patriam colimus.*

Brasil criador!
Pátria querida!
Orgulho e amor
Da nossa vida!

(Magalhães de Azeredo)

Pátria, Pátria ...
Pela cultura e pelo amor fecundo
Inda hás de ser o cérebro do mundo,
Inda hás de ser o coração da terra.

(Daltro Santos)

Tal, meus Senhores, nosso ideal. Sentimos o influxo da natureza no seu govêrno eterno. A parcela da divindade que se esconde nos mais humildes, talvez nas mais abjetas criaturas, o autêntico substrato universal da existência, ponto de encontro de todos os seres, é a revelação de Deus nas suas obras; do mesmo passo que nós somos a fôrça militante do patriotismo, da religião cívica que nos foi transmitida. Não sei aplicar outro qualificativo diverso do religioso; mas sei que, na prossecução dêste ideal, continuaremos. *Avoir un idéal*, disse Léon Bourgeois, *c'est avoir une raison de vivre*. Ter um ideal é ter uma razão da vida.

Vi um dia a morte andar folgando
por um campo de vivos que a não viam:
os velhos, sem saber o que faziam,
a cada passo nela iam topando;
na mocidade os moços confiando,
ignorantes da morte, a não temiam.
Todos cegos, nenhuns se lhe desviam;
ela a todos co'o dedo os vai contando.

(D. Francisco Manuel de Melo)

Temos direito e mesmo obrigação de preencher os claros; pois a História do Ceará, dentro na História do Brasil, é menina de nossos olhos, ídolo dos nossos corações. Já os deuses primitivos guardavam os segredos das criaturas, e tudo era ver se mantinham as fontes da eternidade. Como a famosa Clio, a História — zeladora e conservadora da tragédia essencial da vida — é o traço de união entre o homem e o Universo. Povo que não honra a memória de seus heróis, nem dos seus santos, nem a lembrança dos seus poetas, acaba consigo por perder a identidade da sua consciência. «Viverás do amor dos que se foram, para o amor dos que hão de vir.»

Devo neste momento saudar a novos consócios, lutadores a quem votaremos fraternal amizade.

Sofrei! que não é por mim: na rigorosa prática do ritual, diatônico de caráter litúrgico, o mistério se impõe, de que me ordenaram oficiante. São horas peremptórias. «O que no coração tenho, não o posso reter.» (Beethoven) Vamos ao destaque dos beneméritos agraciados.

II

ANTÔNIO MARTINZ FILHO

O Benjamim ou o mais jovem: ANTÔNIO MARTINZ FILHO. Nasceu a 22 de Dezembro de 1904. Ainda na terra natal, o vale do Cariri, seduzira-o asinha a imprensa e a tribuna no Crato; porém seus preparatórios, fê-los no Liceu Piauïense. Também se bacharelou em Ciências Jurídicas e Sociais, pela Faculdade de Direito do Estado do Piauí.

Redatoreou a "Flâmula" e a "Voz do Povo" em Caxias, berço de Coelho Neto e do maior de nossos vates, do mulato e náufrago e poeta imortal Gonçalves Dias.

Antônio Martinz, com outros amigos, fundou e dirigiu o Ginásio Caxiense. Chegou a colaborar na imprensa de S.-Luiz, Atenas decantada de João Francisco Lisboa, Odorico Mendes e de tantos notáveis filhos da região.

Não esqueceu a terra do berço: *ubique patriae memor*. Criou e mantém, faz 5 anos, nesta capital, uma revista de ciências, letras e informações: VALOR. Com Raimundo Girão, êle dirige o tradicional "Almanaque do Ceará", de João Câmara os seus pródromos.

Desempenha o cargo de diretor e professor da Academia Comercial Padre Champagnat; professor de Economia e Estatística do Liceu; diretor gerente da Emprêsa Editora Fortaleza. Advogado no foro da capital, é também diretor da Associação Cearense de Imprensa, professor de História e Geografia, registado no Departamento Nacional do Ensino Secundário, no Rio-de-Janeiro.

Além das monografias "O Cariri", subsídio para a história sul-cearense, e "Exortação aos Moços" do Liceu, discurso em 19 de Outubro de 1938, já publicou o 1°. volume de "Economia Política" (noções), e "O Ceará", em que contou com outras penas adestradas, seguras, "O Ceará", vasto escrínio de reïvindicações belas, estimuladoras.

Destaca-se Antônio Martinz por uma fisionomia muito interessante, por que dinâmica. Êste o sainete indiscutível do seu espírito: dinâmico, vibrátil, empreendedor.

Os indecisos, meus Srs., perdem metade do seu viver; os enérgicos duplicam-no. Eis um moço do gênio de Liszt na sua arte, que tudo concebia e efetuava. Vêde, que momento! Recebe a investidura de cavalheiro, não apenas escafandrista da História, no grêmio, no regaço amigo da nossa instituïção. Todo o homem esforçado é professor de energia e dos melhores arquitectos da Nacionalidade.

JOAQUIM ALVES

Nenhuma admiração do que agora vou dizer: Joaquim Alves é flor peregrina de um Jardim. Certamente não foi o Jardim de Academo, porém a remota cidade do sul do Estado, o Jardim de onde o trouxeram para Fortaleza, 1898, lhe desabrochavam os primeiros anos.

Aos 14, ingressou na oficina de encadernação de Jorge Weyne. Com 16, na Tipografia Escolar do Instituto de Humanidades, a que pertenceu durante toda uma década. Modestos princípios, na realidade sólidos alicerces do pedagogo, do futuro escritor e jornalista. Muito antes foi a ascenção gloriosa de Machado de Assiz, de tipógrafo a homem de letras, de tipógrafo a príncipe, um dos príncipes da nossa literatura.

Também Faraday, aprendiz de encadernador, levado pelo entusiasmo científico, fêz-se mecânico, ou menos ainda, no laboratório de Davy, ao pé do qual, e sem haver seguido carreira alguma, erigiu um Centro de Investigações, que travou admiráveis prélios, renovadores da ciência da eletricidade.

Benjamim Frânclim, dos mais insignes estadistas, filósofo e economista do século XVIII, se educou, a si mesmo, e, da obscura pobreza, ascendeu ao pináculo da fortuna e da fama.

O trabalho e a constância fazem maravilhas.

Concluídos os preparatórios necessários, cursou Joaquim Alves a Odontologia. Primeiras núpcias contraíu em 1919; enviüvou no ano seguinte, antes de terminar os estudos, embora já fôsse tipógrafo e professor particular. Progride-se com o adaptar a vida ao que traçaram os duros fados. E Minerva é muito disso: «Em geral [palavras de Alexandre Herculano], os cultores das letras não saem das classes poderosas e abastadas.»

De 1921 a 1930, êle deteve-se pelo interior dos estados do Ceará, Pernambuco e Paraíba, no exercício da sua carreira e clínica odontológica. Segundas núpcias em 1925.

Fizera concurso de praticante dos Correios, em 1916; dois anos depois, novo concurso nos Correios. Classificado em ambos, não o aproveitaram; também assim em 1919, concurso para a Secretaria do Interior e Justiça. Finalmente, 1932, nomeado Inspetor Regional do Ensino, ainda por concurso. Prefeito do Umarí, sòmente um trimestre, deixou pela Inspetoria do Ensino em Itapipoca. O seu último concurso foi para catedrático de Geografia da Escola Normal, em que obteve o 2°. lugar.

Publicou: "Nas Fronteiras do Nordeste", ensaio sociológico; "O Ceará e suas regiões naturais"; "Estudos de Pedagogia Regional"; e remeteu para o Instituto Brasileiro de Geografia e

Estatística descritivo painel, original, da Geografia Física do Ceará.

Iniciou-se na imprensa do nosso estado; ao depois, escreveu no "Jornal do Comércio" de Recife, sôbre ética educativa; no "Jornal do Comércio" do Rio, "Imigrações da bacia do S.-Francisco para o vale do Cariri" e outros trabalhos. Colaborou em revistas de S.-Paulo e do Ceará, ocupando-se de questões pedagógicas. Fundou, com ótimos companheiros, a Sociedade Cearense de Geografia e História; presidiu-a no período de 1939. Professor do Colégio Militar nos anos de 37 e 38 e do Floriano em 39. Punha-se-me uma alma nova apreciando-lhe o humorismo franco, espontâneo, conhecendo-lhe então o riso hilariante e sua gargalhada atroadora. Eis que nos fizemos amigos.

Êle entrou no exercício de Delegado Seccional do Recenseamento em 1940 até 41.

Tem colaborado no "Povo" e no "Estado", dois dos principais diários de Fortaleza. Exerce atualmente o magistério particular; a cátedra ocupa de História Econômica e Fontes da Riqueza Nacional, na Faculdade de Ciências Econômicas.

Releva acentuar, o esfôrço é da natureza do homem, traz consigo a recompensa; mas o resultado é bom, quando custa e na proporção do que custa. Quem, no campo dos estudos, já descreveu tão larga trajectória, penetra hoje o ádito desta casa, a fim de, juntos, como levitas ao pé do "sacrarium", os mistérios celebrarmos, os deuses ou figuras e tradições conterrâneas.

Joaquim Alves é a vitória do próprio esfôrço. Grande caso! Êle não teve o beijo da fortuna na mocidade, abrindo-lhe as asas enfeitiçadas. Por isso, nimba-lhe a fronte coroa de herói.

DEMÓCRITO ROCHA

Nascido a 14 de Abril de 1888 em Caravelas (sul da Baía), foram seus progenitores João Rodrigues da Rocha Júnior e Maria da Glória Rocha. Órfão aos 2 anos, de pai; aos 5 anos, de mãe; os primeiros estudos lá mesmo em Caravelas. Com a existência sôbre si, operário aos 12 anos, invejável traço êste também do maior de todos os Mestres, trabalhou na estrada de ferro de Baía e Minas.

Das crianças fazem-se os homens.

As grandes, as belas, as boas obras só se executam quando se é bom, belo e grande. Mas a condição da grandeza, da beleza, da bondade, condição *sine qua*, não é o talento, nem a ciência, nem a experiência: é a virtude interior, a superioridade, a independência da alma e a elevação do pensamento e do cará-

ter. *(De Antero de Quental a Castilho)* O bem cabe em tôda parte, no tugúrio do pobre, na oficina de Nazaré, como no palácio do rico, no fausto e na opulência. Demócrito transferiu-se em 1907 para S.-Salvador e, ainda no mesmo ano, para a capital de Cergipe, onde fêz estudos de humanidades, exames de conjunto para Odontologia e concurso de telegrafista, nomeado em 1912 com destino ao Ceará. Desde 1º. de Setembro do mesmo ano, já nesta capital, enquanto lhe aguçam as fôrças da inteligência, cresceram os afetos de uma virtuosa Creusa. Êle casou a 9 de Fevereiro de 1915; porém concluíu Odontologia, mediante exames do Liceu; logrou sua cátedra na Faculdade de Farmácia e Odontologia.

Vieram-lhe Albaniza e Lúcia, anjos do Céu, e fortes raízes que o prendem ao Ceará, talvez para sempre.

Fundou a revista "Ceará Ilustrado" (1924), semanário que o Barão de Studart conceituava a melhor revista literária de seu tempo entre nós. No concurso do Príncipe dos Poetas, organizado pela revista, foi eleito o padre Antônio Tomaz.

O fundador de "O Povo" (7 de Janeiro de 1928) a revolução modernista liderou, com outro órgão, "Maracajá". Em meio da frágoa, da efervescência, do movimento político de 30 a 37, conquistou o diploma de deputado federal para a legislatura que, iniciada em Maio de 35, terminou pelo golpe-de-estado de 37.

Demócrito é meu confrade na Academia Cearense de Letras. As "Notas" cotidianas, no "Povo", têm-lhe suscitado admiradores. O seu ponto de vista é sempre novo, e o decôro que lhe ornamenta o pensamento, preciso, justo, a propósito.

Êste o seu norte ou programa que perfilhou: «Somos 2 milhões — escreveu. Evitemos a importação de tudo quanto, com esfôrço e inteligência, o Ceará pode produzir, ao menos para o seu consumo.»

Não sei de outra penetração melhor do que a sua, em tôrno aos dados modernos e possibilidades econômicas dêste rincão. Escreveu Tácito: «Julga-se o homem capaz de grandes coisas pela atenção que presta às mínimas.»

Estilo fácil, de propriedade vocabular, de ordenada clareza. Apreciaremos o orador; mas aquí estão êstes ritmos modernistas, que lhe desvelam o apêgo regional:

O rio Jaguaribe é uma artéria aberta
por onde escorre
e se perde
o sangue do Ceará.

O mar não se tinge de vermelho
por que o sangue do Ceará
é azul...

Todo o plasma
toda essa hemoglobina
na sístole dos invernos
vai perder-se no mar.

Há milênios... desde que se rompeu a túnica
das rochas
na explosão dos cataclismos
ou na erosão secular do calcáreo
do gneisse
do quarço
da sílica natural...

E a ruptura dos aneurismas dos açudes...
Quanto sangue perdido...

. . . . . .

. . . . . .

Homens da pátria — ouví
— salvai o Ceará!

Quem é o presidente da República?

Depressa
uma pinça hemostática em Orós!

Homens —
O Ceará está morrendo
está esvaindo-se em sangue...

Ninguém o escuta
e o gigante dobra a cabeça sôbre o peito
enorme,
e o gigante curva os joelhos no pó
da terra calcinada

e
— nos últimos arrancos — vai
morrendo e resistindo...
morrendo e resistindo...
morrendo e resistindo...

Demócrito Rocha perlustrou desde a seara das Musas até "A Imprensa do Ceará na Monarquia", ensaio histórico breve e conciso. Deus auxilia a quem trabalha. Esta a razão do engano mais freqüente, pois dizem: «Baïano, um por engano.»

A obra dêle, tumultuosa, desordenada ou dispersiva como a de todo jornalista, dá aso a maiores esperanças; por que o seu espírito já começou e vai-se elevando, como o astro em busca do centro de gravitação, na direção do Infinito.

LUIZ CAVALCANTE SUCUPIRA

Vi-o matricular-se no Colégio Cearense, e ao meu caro discipulo tive a satisfação de ministrar algumas noções fundamentais nas letras e na vida. Fui, revelo, um dos fundadores do Colégio Cearense.

Sucupira hoje desempenha o cargo de Inspetor da nossa Alfândega, depois de delegado do Tribunal de Contas em Pernambuco e no Ceará, chefe da delegação do mesmo Tribunal em Alagoas, ou comissionado no Gabinete do Ministro da Viação e Obras Públicas, Dr. José Américo de Almeida.

Jornalista, secretário-redator do "Nordeste" 8 anos, diretor do "Estado" na capital pernambucana, um dos redatores da Agência Brasileira, colaborador da "Era Nova" e da "Imprensa", órgãos de propaganda católica nas capitais da Baía e da Paraíba, e redator da "Ordem", revista cultural que se publica no Rio-de-Janeiro.

Membro da Academia Cearense de Letras, um dos fundadores da Associação de Imprensa do Ceará, a que secretariou vários anos; pertence à Associação Brasileira de Imprensa; foi presidente da Associação Mariana de S. Cristóvão na Arquidiocese do Rio; presidente e fundador da Congregação Mariana de Fortaleza; desempenhou vários cargos na União dos Moços Católicos do Ceará; e não se furta de colaborar em outras agremiações importantes, quer de ordem religiosa, quer civil.

O encartamento do seu nome na política deve-se não só à Associação dos Funcionários Públicos Federais, de que foi aquí um dos fundadores e secretário, se não também à Liga Eleitoral Católica do Ceará, — candidato independente às eleições da Assembléia Nacional Constituinte. Obteve o maior número de votos no Estado.

Luiz Sucupira chegou a impressionar, pela sua operosidade em comissões do Congresso Federal, ao próprio Dr. Getúlio Vargas, segundo me informou nosso coestadano Valdemar Falcão.

Muito criança, fêz versos e, no seu amadurecer, abeberando-se em variadas fontes de puríssima linfa, publicou um "Curso de Ação Católica" e "Programa de Economia Política", edição da Livraria Globo de Pôrto-Alegre no Rio-Grande-do-Sul.

Onde-quer que tenha aparecido a personalidade do nosso Sucupira, cearense genuíno, rebento de duas tradicionais famílias patrícias,

"Um encolhido ousar; uma brandura;
Um medo sem ter culpa; um ar sereno"

a sua maneira sem retórica, e tão isenta, não deixou desafetos.

O criador do poema sinfônico, admirável Liszt, escrevendo a Schùbert, realça-lhe a nobreza moral, com asseverar que as fascinações de seu coração e as belezas do seu espírito eram tão excelentes, que faziam quase esquecer a superioridade do seu gênio. Pois o mesmo lhe sucede ao boníssimo Sucupira, a demonstrar na vida intemerata, consciência, pureza de sentimentos, nobreza de ideais; eu o considero, melhor que tudo em si, o jardineiro do próprio coração.

III

Meus Senhores. O nosso passadō anda por aí disperso, sem que tenha surgido inteligência à altura de uma obra reformadora, harmoniosa, condigna. Muito realmente existe, ou já existiu, que não se revelou ainda; por que está destinado ao surto dos gênios. Oxalá, como Alexandre Herculano e Oliveira Martinz em Portugal, apareça entre nós alguém capaz de monumento integrador do que já se fêz e alicerce do que há de vir. «O Brasil», profetiza Alberto Torres, «é um país destinado a ser o esbôço da humanidade futura.» Na História Nacional, busca-se a resultante de todos os empenhos da raça e da civilização.

Para o Ceará veio o primeiro povoador João de Melo de Gusmão com a família, no tempo em que guardava êste trecho do Nordeste, apenas, a infantaria do presídio; depois um contingente baïano ao Cariri, pernambucano ao Jaguaribe, e maranhense ao Acaraú: complexidade esta sôbre amálgama indígena e fraca dosagem negra. Nos domínios da História nos gloriamos de um Capistrano de Abreu e de Guilherme Studart. Sob o signo dêstes dois peoneiros, nutrimos simpatia, amor aos documentos, às pesquisas conscienciosas, na certeza de que o destino de um povo depende da sua história e de sua geografia.

Apenas inferior à campanha abolicionista de 1884 é a nossa epopéia no Acre; por que retravamos o duelo cadimo das sêcas, o flagelo que apavorou o gênio de Antônio Vieira, na segunda metade do século XVII, a excursionar pelas alturas da Ibiapaba.

O primeiro cearense emigrou no berço, romanceado por um filho do Alagadiço-Novo, perto da Messejana, quase arrabalde desta capital. Em 1780, o cearense José Pinto Martinz, criador da indústria da carne sêca no Rio-Grande-do-Sul, fundou uma xarqueada à margem direita e cêrca de uma legua da foz do rio Pelotas, afluente do S.-Gonçalo; só depois, 1781, surgiu o primeiro

saladero uruguaio, por Vicente Medina. E as legiões dos nossos ao Amazonas? Cinqüenta homens os primeiros estabelecidos no baixo Puruz, em 1869. Logo que o Inferno Verde, a província do extremo NW., contou 140.000 almas, o Ceará lhe havia dado 100.000. Bem mostra que somos uns irlandeses do Brasil, sabido que a Irlanda é, na Europa, o recanto de onde mais se emigra.

Brancas praias, vós ouvistes
O que alguém jamais ouviu,
De Iracema as queixas tristes,
Quando Moreno partiu.

(Álvaro Martinz)

Percorrer em desatino
Terra e terra, mar e mar,
Eis de uma raça o destino.
Bem que o disseste, Alencar!

(Júlio Maciel)

Da escola do sofrimento nasce a fortaleza da alma; por que a dor é sombra que passa; cada dia a sua pena e sua esperança. «O sofrimento foi o maior obreiro do mundo . . . o criador e realizador por excelência . . . nunca se perde a semente orvalhada de suor e sangue.»

Ou se considere a guerra lei do mundo espiritual, ou estado inato daquele que se inicia na sociedade, ou luta absorvente a que se entregam todos os seres, triunfa sôbre a matéria o espírito, e a sabedoria tradicional dos séculos é cadeia de oiro que concilia a dor e a esperança, o presente com o futuro.

A democracia moderna não apurou e consolidou os seus primeiros rudimentos gregos?

A civilização contribue para nos fazer melhores, pois Deus se serve ou do livro ou da cruz ou da espada, para atingir o seu escopo. Não foi a civilização que transmudou a fôrça na lei e na justiça aplicada pelos árbitros e tribunais?

A formação da consciência moral opera-se como a jurídica, pela síntese organizada de conceitos e princípios, que a civilização tem acumulado e selecionado. (Clovis Bevilaqua)

Se a escrita deu lugar à História, e esta ao mais fecundo dos períodos humanos, foi por que trouxe contacto do passado e, novo Anteu ou gigante redivivo, todos os tempos aproximou da atualidade.

Como não hei de lembrar a maravilhosa invenção da imprensa, nem sequer imaginada por Demócrito de Abdera? Aos arroubos do coestadano de Rui Barbosa — o Cícero brasileiro —, ao

dilúculo da harmoniosa palavra, o verbo eloqüente de novo Demócrito, saberemos que a época dos milagres não passou; sobretudo, que a época dos milagres está conosco. O astro vespertino "O Povo", em meio sáfaro e difícil, num mundo todo ensangüentado, não é por ventura milagre de aguda inteligência?

Também Deus está conosco; por que Êle está com os Seus sacerdotes, com os homens de boa vontade, de coragem, abnegação e amor às nobres causas; está com os patriotas sinceros. De acôrdo com a filosofia antiga, a de Platão, por exemplo, Deus revela, de quando em quando, a sua entidade misteriosa.

A luz altíssima, que esclarece a todo o homem, agora deslumbre os nossos olhos, ao mesmo tempo que ressoe a voz omnipotente, tal qual se fêz ouvir no cume do Sinai. Alce Deus Sua ira! É mistér que a voz divina fale às almas, reine sôbre as inteligências, governe os corações.

«Dai-me um fato, e eu me prostro diante dêle», exclamou Carlyle. Maratona lá está, onde caíram os persas, onde salvaram a civilização atenienses e plateianos.

Montículo redondo o túmulo assinala, dos gregos mortos na peleja, pouco distante da baía que recolheu a frota de Xerxes. A inscrição que se conserva em Atenas regista o fausto evento. Naquele mármore foi gravada a figura do núncio alviçareiro; no traço da figura, imprimiram-lhe ânsias da eternidade.

Meus Senhores. Rasgo o véu do futuro. Dois sóis não cabem no mundo; porém, dentro do amor do Brasil, vive o Instituto do Ceará, cujo pórtico ha de merecer, engastoada em oiro, a expressão do soldado em Agorá: — VENCEMOS!

Antigas leis já prescreviam: ou vencer ou morrer . . .

Que mais quereis que eu vos diga?

Companheiros, à felicidade! Patrícios, à jornada de glória, no anseio de uma vitória tôda do Brasil imortal!